

A PAISAGEM DO MEDO

UM ESTUDO DO BAIRRO DA PITUBA - SALVADOR – BA

CARLA PEREIRA ROCHA¹

LILIANE FERREIRA MARIANO DA SILVA²

Resumo

O espaço urbano reflete a organização e a dinâmica de cada sociedade. No Brasil as suas áreas urbanas são marcadas por grandes desigualdades de renda, que acarretam disparidades sócio-espaciais. A cidade fragmenta-se em inúmeros territórios com características próprias e excludentes reconfigurando a paisagem urbana e a sua estrutura sócio-cultural. Em um meio de superabundância para alguns e escassez da maioria, manifestam-se os conflitos e a violência, inclusive como modo de inserção social. O aumento da violência leva a maiores gastos públicos e privados com segurança, perda de investimentos no comércio e indústria, mudança de hábitos de consumo, além de mudanças na configuração urbana. Os condomínios e ruas fechadas, as residências com altos muros e cercas eletrificadas se expandem, constituindo um novo padrão de segregação espacial. É neste contexto que se estuda a área da Pituba, uma localidade que concentra uma população de média e alta renda, na qual se intensifica o processo de formação de “condomínios fechados”, que além de desarticular o tecido urbano e a malha viária, cerceia o direito de ir e vir dos cidadãos redefinindo a morfologia do tecido urbano e configurando a paisagem como a paisagem do medo.

Palavras-chave: Segregação urbana; violência; “condomínios”; paisagem.

Résumé

L'espace urbain reflète l'organisation et la dynamique de chaque société. Au Brésil leurs territoires

urbains sont marqués par des grandes inégalités de revenu, qui causent des disparités socio-espaciales. La ville se fragmente dans innombrables territoires avec des caractéristiques propres reconfigurant le paysage urbain et leurs structure socio-culturelle des villes. Avec la richesse pour quelques-uns et la pénurie de la majorité, se manifestent les conflits et la violence, comme forme d'insertion sociale. L'augmentation de la violence est responsable pour une grande part des dépenses publiques et privées avec sécurité, en detriment des investissements dans le commerce et l'industrie. On remarque des changements d'habitudes de consommation et dans la configuration urbaine. Les condominiums et les rues fermées, les résidences avec de hautes parois et les murs électrifiées se développent, constituant une nouvelle forme de ségrégation spatiale. C'est dans ce contexte qui s'étudie le quartier du Pituba, une localité qui concentre une population de moyenne et haut revenu, sur lequel s'intensifie le processus de formation de “condomínios fermés”. Ils désarticulent le tissu urbain et la maille routière, raccourcit le droit d'aller et de venir des citoyens, redéfinissent la morphologie du tissu urbain et configurent le paysage comme le paysage de la peur.

Mots-clef: Ségrégation urbana; violence; “condomínios”; paysage.
JEL: R52

A urbanização no Brasil

O processo de urbanização no Brasil se intensificou ao longo do século XX, com o crescimento demográfico das capitais brasileiras, a partir da segunda guerra mundial. A inovação tecnológica no campo e o processo de industrialização foram responsáveis por grande fluxo migratório para o centro das cidades.

Além da atração urbana pela oferta de atividades econômicas, serviços e infra-estrutura, o crescimento acelerado dos aglomerados se deve ao aumento das taxas de crescimento natural, tanto urbano quanto rural e a migração rural-urbana, fruto da decomposição das estruturas rurais. A população urbana, principalmente a migrante, não é absorvida pelos empregos industriais, se integrando parcialmente no sistema social urbano. Esse crescimento gera uma “hiperurbanização” com sérios problemas sociais.

O Estado, o responsável pela provisão de serviços públicos também tem o papel de indutor do crescimento econômico, absorvendo altos custos para a administração pública. Devido à incapacidade de investimentos e gestão do poder público de suprir as necessidades básicas da totalidade da população urbana, prioriza os territórios de maior interesse do capital produtivo e /ou imobiliário em detrimento daqueles ocupadas pela população de menor poder aquisitivo.

1 Urbanista (UNEB) - End.: Alameda Florença, 30, Aptº. 2104 - CEP.: 41.830.460 - Salvador – BA - E-mail: carlinhapr@hotmail.com.

2 Professora Doutora em Urbanismo (Paris III) das Universidades UNEB e UNIFACS – End.: Rua Manoel Gomes Mendonça, 229 – ap.301 – Pituba - CEP: 41810-820 – Salvador – BA – E-mail: liliane@lognet.com.br.

A desigualdade da distribuição de renda, inicialmente, reflete-se no espaço urbano, com áreas infra-estruturadas e outras desordenadas e carentes. Os grupos que concentram renda se estabelecem na “cidade planejada”, “infra-estruturada”, com acesso aos serviços de saneamento, transportes, saúde e amplo e diversificado comércio, enquanto a população que não tem acesso a oferta do mercado imobiliário capitalista fica marginalizada na periferia social da cidade. Com a “impossibilidade do oferecimento de serviços urbanos na velocidade requerida pelo crescimento urbano e a multiplicação da marginalidade nas grandes cidades” (RIBEIRO, 1997, p. 27) geram-se estímulos ao incremento de estratégias de sobrevivência ilegais.

Nas duas últimas décadas, as cidades brasileiras sofreram um aumento significativo nos índices de violência. Em menos de 10 anos o número de homicídio nas áreas urbanas, divulgado pela Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) através do Observatório de Violência da Universidade Salvador em 2007, foi de 32.603 em 1994 e 51.043 em 2006. A heterogeneidade e desigualdades entre os espaços, com uma sociedade da superabundância e, ao mesmo tempo, da exclusão, leva à violência como recurso para inserir-se socialmente. O aumento da violência provoca cada vez mais insegurança e maior segregação dos territórios, compondo a “paisagem do medo”.

A violência provoca, hoje, uma obsessão pela segurança física e conseqüentemente “pelo controle arquitetônico das fronteiras sociais”, com a observação da implacável “militarização da vida na cidade” (DAVIS, 1990, p. 205). Hoje, tem lugar na cidade uma nova forma de segregação. Uma distinção dentro das próprias porções segregadas pela renda, com a “fortificação” de condomínios para evitar o “outro” (BAUMAN, 2003) que não pertence ao seu meio, para a proteção contra a violência que permeia toda a cidade. No desenho urbano se proliferam os condomínios fechados como a

busca da “defesa do lugar” (BAUMAN, 2003, p. 102), constituindo “guetos voluntários”.

A exacerbação da auto-segregação e de interações espaciais seletivas se manifesta nos condomínios exclusivos, *shopping centers*, favelas controladas e nas áreas “neutras” (SOUZA, 2000), ou seja, na arquitetura da cidade, que tem efeitos sobre o que se faz e como se interage no espaço.

A configuração urbana sofre mudanças. Os espaços públicos estão se tornando privados, com ruas e praças fechadas, que intimidam a população, bloqueios visíveis e invisíveis que a excluem cada vez mais do que já lhe é privado. A definição entre público e privado se confunde, ou melhor, se perde nas privatizações das funções públicas como a da segurança. Fronteiras parecem ser erguidas em cada nova esquina de bairro decadente do mundo.

Violência urbana e a formação dos “condomínios”

As desigualdades sócio-econômicas fragmentam o espaço urbano em inúmeros territórios com características próprias e excludentes, que passam pela violência/ criminalidade e pelo enfraquecimento da cidadania. Assim a segregação enquanto processo pelo qual um grupo populacional é forçado, involuntariamente, a se aglomerar em uma área espacial definida, em um gueto, juntamente com a carência e a humilhação acarretam ou exacerbam a violência e a criminalidade, além de impactar significativamente as possibilidades de avanço social.

De acordo com Souza (2000), a violência urbana apresenta uma conexão bastante forte com a espacialidade urbana e/ou com problemas e estratégias de sobrevivência. Diante da violência crescente, “as pessoas que acreditam que não há nada a fazer para suavizar o tom, e menos ainda para exorcizar o espectro da insegurança, se ocupam em comprar alarmes contra ladrões e arame farpado” (BAUMAN, 2003, p. 103), mais que isso, procuram o “ambiente seguro” sem ladrões e à prova de



Figura 1 – Peça de publicidade de um condomínio vertical localizado em rua fechada

Fonte: Revista STAND DE VENDAS, maio/junho 2007.

intrusos. O cenário é, hoje, pontuado por condomínios, ruas e bairros fechados, residências com altos muros e cercas eletrificadas. A expansão de empreendimentos fechados faz parte de estratégias imobiliárias e de *marketing* (figura 1) que utilizam a questão da segurança como apelo principal (MÔNACO, 2007).

Segundo Caldeira (2000), os condomínios fechados constituem-se em um novo padrão de segregação espacial e desigualdade social na cidade. Um novo modelo de segregação que substitui, aos poucos, a dicotomia centro-rico x periferia-pobre. A implantação dessas novas formas espaciais “deriva de um padrão de assentamento urbano destinado a alguns privilegiados, acentuando as disparidades sociais e ressaltando um processo de negação da esfera pública e de sua diversidade” (MÔNACO, 2007, p. 8). Assim a segregação é uma tendência da estruturação do espaço ligada à concentração de pessoas por camadas sociais.

O Bairro da Pituba

O desenho da cidade do Salvador, fundada em 1549 sobre a colina da Sé, estava associado à sua topografia acidentada e a estrutura sócio-econômica da época. A cidade se

desenvolveu sobre as cumeadas concentrando na área central as edificações militares, religiosas, edificações civis com as casas de comércio no térreo e as famílias mais abastadas nos andares superiores. No período Imperial, Salvador, segundo Vasconcelos (2002) deixa de ser a capital colonial, porém os investimentos em infra-estrutura continuaram e a partir de 1950 os investimentos em transporte urbano permitiram a expansão espacial do tecido urbano.

Até a primeira metade do século XX, a cidade era voltada para a Bahia de Todos os Santos, e mantinha o diálogo com o recôncavo, celeiro agrícola, e as terras cacauceiras, mais distantes, através do seu porto situado na área central, no comércio, da cidade baixa. A crise na economia rural, nos anos 40 leva a cidade a receber importantes fluxos migratórios e sua população cresce, seu perímetro é ampliado e novas ocupações ocorrem em áreas periféricas.

A partir dos anos 50, de acordo com Mariano da Silva (1985) os investimentos no setor industrial foram intensos levando o governo a investir em infra-estrutura viária e portuária, redirecionando o crescimento de Salvador para o norte, onde foram implantados, nos municípios vizinhos centros industriais. A cidade de Salvador sofreu ao longo do tempo uma ampliação da segregação sócio-espacial resultando na formação de quatro subespaços distintos (VASCONCELOS, 2002):

- o primeiro, caracterizado pelo núcleo histórico, voltado para a Baía de Todos os Santos, segundo padrões urbanísticos da arquitetura colonial portuguesa, adaptado às condições climáticas e sociais;
- o segundo, pelo setor sul da 'península', voltado para a orla atlântica, com loteamento e construções dotadas de infra-estrutura e equipamentos urbanos de alto luxo, segundo padrões urbanísticos modernos, e ocupados pela população de alta renda, onde se localiza o bairro da Pituba;
- o terceiro formado pela parte norte do centro histórico, prolonga-

Quadro 1 – Espaços “segregados” de Salvador ao final do século XX

NOME	ÁREA	CARACTERÍSTICAS GERAIS
Centro Histórico	Núcleo original da cidade de Salvador	Formas remanescentes do suntuoso passado da capital baiana, hoje congregando funções da administração municipal, comércio de baixa renda e uso turístico na área recuperada.
Orla Atlântica	Parte sul da Península e Orla Atlântica, tendo como limite a Av. Paralela	Apesar dos bolsões de pobreza (Nordeste de Amaralina, Boca do Rio e parte de Itapuã), é por onde se estende a cidade formal, <i>locus</i> do estabelecimento da população de alta e média renda, da ação intensa dos grandes promotores imobiliários e da infra-estruturação pública. Espaço de loteamentos e condomínios fechados e do novo centro.
Orla Baía de Todos os Santos	Parte norte do Centro Histórico e Subúrbio Ferroviário.	Em local de topografia acidentada, ocupa a parte baixa e a margem da parte alta da falha de Salvador. Predomínio de moradia de pobres, normalmente negros-mestiços. Área com precária infra-estruturação e graves problemas sócio-ambientais.
Interior da Península - "Miolo"	A parte central de Salvador - entre a BR- 324 e a Av. Paralela.	Ocupada predominantemente após a década de 1970, nesta área aparecem conjuntos habitacionais financiados pelo Estado, diversas invasões e outros parcelamentos informais nos interstícios. Sistema também precário de atendimento público, aproximando-se do padrão sócio-econômico da Orla da Bahia de Todos os Santos.

Fonte: própria com base em Vasconcelos (2002).

da pelos Subúrbios Ferroviários na orla da Baía de Todos os Santos, onde vive a maior parte da população da cidade, habitando em alojamentos precários, mal servidos de infra-estrutura e equipamentos urbanos;

- e finalmente, o quarto, aparece a partir da iniciativa do Estado, durante os anos 70 e 80, quando foram investidos maciçamente recursos em infra-estrutura viária e na construção de conjuntos habitacionais, com edificações de três andares, na região do 'MIOLO' no sentido de apoiar o desenvolvimento dos setores modernos da economia que tinha como carro chefe a indústria petroquímica.

Assim, a década de 1940 foi marcada pelo início de uma grande expansão da sua ocupação física a partir da implantação das vias de vale que ocasionaram uma desconcentração comercial e habitacional na cidade, e de um acelerado aumento populacional. Os agentes imobiliários pressionaram o governo a fornecer infra-estrutura básica para os locais apropriados pelos extratos de maior renda, tornando visualmente perceptível a fragmentação e segregação dos espaços de Salvador.

Em um primeiro momento, há uma fragmentação decorrente do aspecto estrutural, com uma divisão territorial caracterizada pela renda e

pelo processo de urbanização, resultando em “cidades segregadas” dentro da própria cidade (Quadro 1).

Em um segundo momento, como consequência do processo contínuo de concentração de renda e com visíveis desigualdades econômicas e sociais, e crescente violência urbana, mais uma vez, assiste-se a uma “novamente fragmentação” da cidade em subespaços urbanos, através da formação de “condomínios” geridas pelas Associações de Moradores, formando verdadeiras células urbanas “protegidas”. O preço a pagar pela segurança é alto, restringindo-se às camadas de alta renda, que se rodeiam de alarmes, muros e câmeras de vigilância. A formação de “condomínios fechados” se intensifica na cidade de Salvador, inclusive na localidade da Pituba, onde se concentra a população de média e alta renda da cidade.

A área da Pituba, resultado de planejamento urbano, estruturou-se em grandes parcelamentos e loteamentos, com um traçado regular, inicialmente caracterizado pela baixa densidade, ocupada por casas de veraneio, e em um momento posterior alta densidade com o processo de verticalização. Sobre os principais eixos viários, que articulam o bairro foram estabelecidos grandes empreendimentos comerciais. As células residenciais se diferenciaram no en-

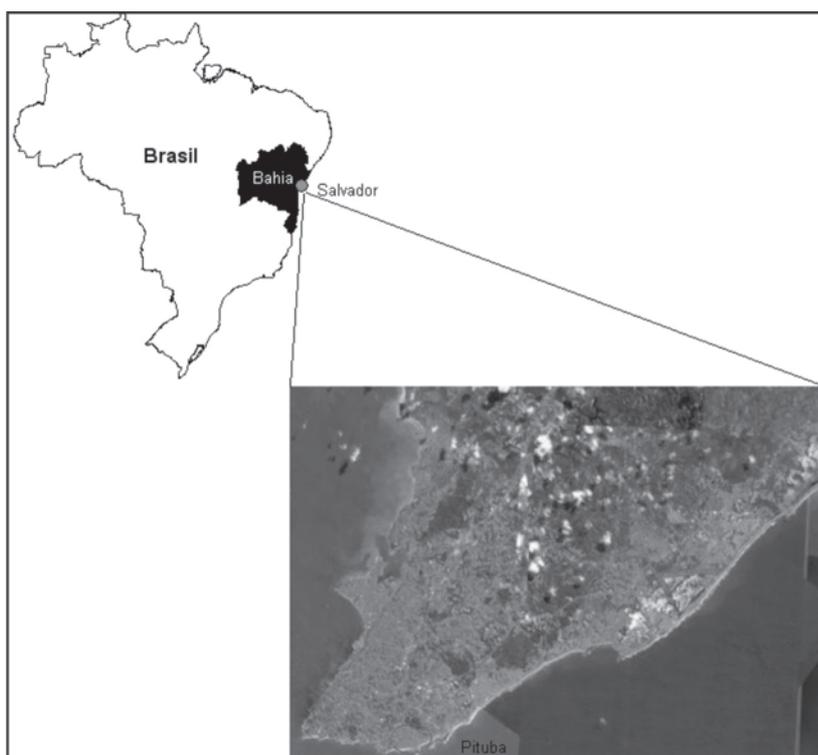


Figura 2 –Localização Salvador – Pituba

Fonte: Elaborado por Carla Rocha (2007), com base nas imagens do Google Earth (versão 4.1.7076.4458 beta, 2007).

torno da área comercial, conectando-se com esta através de vias coletoras e de acesso local.

Caracterização da área da Pituba

A área da Pituba, que está localizada a sudeste de Salvador (figura 2), na Região Administrativa (RA) VIII – Pituba, próxima ao subcentro Iguatemi, segundo os dados da PDDU 2006 é ocupado por uma população de 76.148 habitantes, equivalente a 3,11% da população de Salvador e 22.298 domicílios. Além de bem servida de infra-estrutura urbana e equipamentos públicos, possui amenidades físicas, como a proximidade da Orla Atlântica e a existência da área verde do Parque da Cidade.

A Pituba é uma área de estrato social de renda média e alta, com grande parte da população com renda familiar superior a 20 salários mínimos bem como intenso uso de empregados domésticos. Há predomínio do número de mulheres (57%) sobre o número de homens (43%) e o nível de escolaridade é elevado, com mais de 70% da população ten-

do cursado mais de 11 anos de estudo (PDDU 2006). “O contraste claro entre o processo de concentração espacial de renda, em torno da RA Pituba, e a permanência de situações de pobreza nas regiões de Valéria, São Caetano, entre outras, tende a potencializar conflitos sociais na cidade” (Estudo de Distribuição de Renda – PDDU, 2000, p. 116), mostrando assim, mais uma vez, com a constatação dos estudos feitos pela Prefeitura de Salvador a ruptura da paisagem social e física da cidade.

A formação de “condomínios fechados”

Inicialmente, a área da Pituba foi parcelada a partir da implantação de loteamentos, com um traçado regular e baixa densidade demográfica, em seguida esses loteamentos foram subdivididos em espaços menores chamados de “condomínios” e administrados por Associações de Moradores, que têm atuação decisiva na conformação do espaço interno da área estudada.

A “busca por segurança” cresce a cada dia, com grades, muros e cercas elétricas, evidenciando o aumento da exclusão e segregação urbana e também da violência. Mas, a intensa preocupação por segurança caracteriza-se mais recentemente pelos que moram há menos de 10 anos nos “condomínios” / local, coincidindo com o aumento da violência na cidade e na área da Pituba. Os moradores mais antigos escolheram residir nessa área por outras motivações como a tranquilidade ou oportunidade financeira. Por outro lado os “condomínios fechados” refletem a heterogeneidade mesmo dentro das grandes áreas divididas por renda, com a existência de “ilhas sócio-econômicas” nas zonas nobres.

A “sensação” de segurança vendida por esses condomínios dá aos moradores a impressão de que estão a salvo das desigualdades externas, mas acaba por gerar mais insegurança, já que os moradores dos condomínios se sentem cada vez mais inseguros quando estão longe do alcance das câmeras de vigilância do que os não moradores desses espaços, na Pituba.

Há 10 anos, intensifica-se nesta localidade o processo de formação de “condomínios fechados”, através do fechamento de logradouros públicos em diferentes graus, com a presença de cones com correntes, guaritas e “réguas”, além dos loteamentos que pelo próprio desenho já são concebidos para serem fechados (figuras 1 e 2), caracterizando a atual exigência do mercado imobiliário.

Nos levantamentos feitos para este estudo foram identificados 18 “condomínios fechados” na Pituba: o fechamento dos espaços urbanos em “condomínios” desarticula o tecido urbano e a malha viária, pois a existência de ruas fechadas e sem saída cria barreiras que desconectam os espaços, formando “ilhas” e interrompendo a permeabilidade e fluidez intra-urbana, seja no deslocamento de veículos seja de pessoas. Além disso, cerceia o direito de ir e vir dos cidadãos, constituindo-se em uma ação ilegal de acordo com as leis de Ordenamento do Uso e da Ocupação



Figura 3 – Alameda Siameas
Fonte: fotografada por Carla Rocha (2007).



Figura 4 – Pituba Ville
Fonte: fotografada por Carla Rocha (2007).

do Solo, LOUOS (Lei nº 3.377/84) e do Parcelamento (Lei nº 6.766/79).

Entretanto, o próprio desenho dos loteamentos aprovados pela Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município (SUCOM) da Prefeitura Municipal de Salvador facilita a condição de fechamento desses locais. A aprovação de loteamentos avalia o atendimento de critérios relativos ao tamanho de lotes, recuos, número de pavimentos, tamanho das vias, etc., enquanto que o traçado ou desenho das ruas, a articulação com o entorno, dentre outros aspectos, não interferem na aprovação dos loteamentos, o que demonstra uma preocupação do poder público apenas com a engenharia das vias, sem analisar a permeabilidade e articulação, necessárias à boa qualidade da cidade.

A falta de atenção dada à necessidade de garantir a mobilidade urbana repercute em todos os elementos que compõem o cotidiano da cidade. Locais segmentados geram dificuldades de locomoção, congestionamentos, alterações nos horários de deslocamentos, poluição atmosférica, atrasos, estresse, ausência de sociabilidade, privação de direitos, de modo geral, problemas para a “saúde urbana”. Apesar de ilegal, percebe-se que o número de ruas e “condomínios fechados” está aumentando sob os olhares observadores da população e dos responsáveis pela fiscalização, a SUCOM, que parece fazer “vistas grossas” a essas irregularidades, ressaltando-se o fato de se tratar de um local de população de média e alta renda.

Considerações finais

A violência urbana gera a formação de ‘guetos voluntários’, refletidos num primeiro momento nos condomínios formados a partir do fechamento de ruas e mais recentemente nos projetos arquitetônico – urbanísticos isolando o território, criando subespaços fechados. Tal fenômeno traz reflexos negativos sobre o espaço físico e social urbano, pois além de garantir uma falsa idéia de segurança, os “condomínios fechados” criam barreiras sociais, segregando os espaços e rompendo com a idéia de convivência, sociabilidade e conexão a que a cidade remete.

Partindo do exposto, é necessário refletir que a LOUOS de Salvador carece incorporar variáveis e diretrizes que permitam a análise dos projetos arquitetônico e urbanístico e o seu compromisso com a qualidade paisagística, urbanística e funcional, etc., do tecido urbano; como consequência da omissão da Lei os espaços vêm se tornando descontínuos comprometendo a mobilidade.

A integração e permeabilidade da cidade estão comprometidas em razão das exigências do mercado imobiliário, ratificado pela LOUOS, que visa atender às classes média e alta. Cabe, então, ao Estado intervir, através dos instrumentos que possui, evitando a fragmentação dos espaços urbanos para a implantação de condomínios fechados e/ou abertos, visto que funcionam como elementos de segregação sócio-espacial.

Deve-se refletir que as ações de planejamento necessitam ser integradas com as especificidades de

cada local, atendendo aos interesses de toda a população e garantindo o acesso à cidade a todos.

É preciso a cobrança por parte da sociedade, inclusive moradores do local, para a efetiva fiscalização e atuação dessas irregularidades pelos órgãos responsáveis, fazendo-se cumprir as leis já existentes; além de uma revisão das leis, no sentido de deixar explícito os aspectos qualitativos, e não apenas os quantitativos, que influenciam diretamente na boa manutenção da cidade.

Este estudo tem a finalidade de exemplificar o efeito causado pela implantação de “condomínios fechados” na cidade, e não apenas na área estudada, demonstrando a necessidade de avaliação, por parte dos órgãos municipais, acerca das concepções, implantação e impactos desses sobre a paisagem urbana.

Referências

- ANDRADE, Adriano Bittencourt. **O espaço em movimento: a dinâmica da Pituba no séc. XX.** Salvador: EDUFBA, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo: Ed. 34 / Edusp, 2000.
- DAVIS, Mike. **A cidade de quartzo: escavando o futuro em Los Angeles.** São Paulo: Scritta, 1991. Cap. 4, p. 203 – 235.
- GOMES, Carlos. **Espaço urbano e criminalidade: uma breve visão do problema.** Disponível em: <<http://www.observatorioseguranca.org/publicacoes.HTM>>. Acesso em 22.04.2007.
- MARCUSE, Peter. **Enclaves, sim; guetos, não: a segregação e o Estado.** In: **REVISTA ESPAÇOS & DEBATES.** São Paulo: Annablume, vol. 24, nº 45, jan. / jul. 2004.
- MARIANO DA SILVA, L. F. **‘Le processus d’industrialisation et ses effets sur la politique du logement à Salvador’.** Tese de doutorado de Terceiro Ciclo apresentada ao IHEAL - Paris III. Paris.1985.

MÔNACO, Denise. **Notícias do Brasil**. USP. Disponível em: <<http://www.observatorioseguranca.org/publicacoes.HTM>>. Acesso em 22.04.2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR (PMS); SEPLAM. **Distribuição de renda na cidade de Salvador. Quadro atual e perspectivas**. Salvador, dez. 2000.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (Org.). **Métopoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

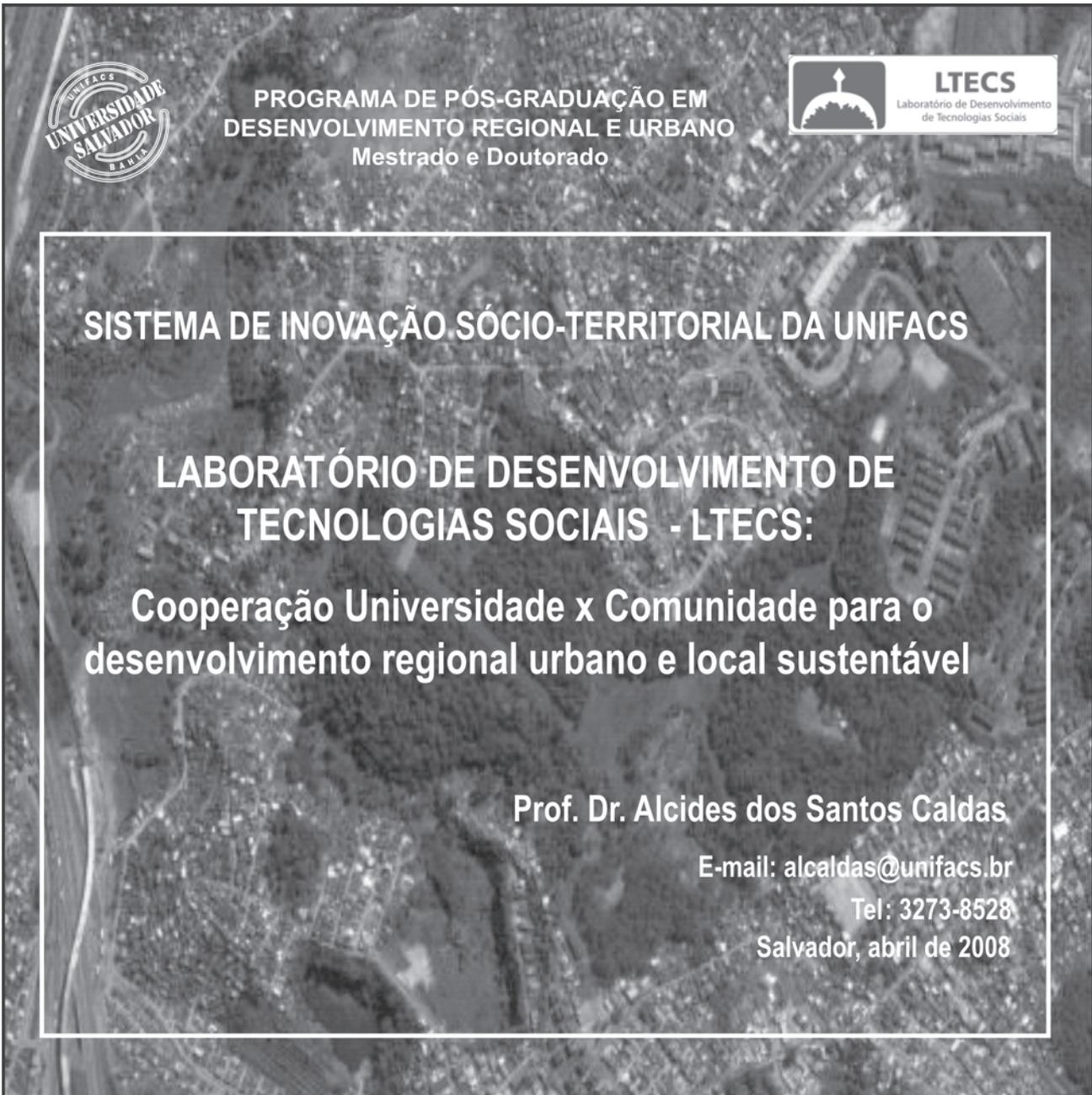
SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 5 ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. Tradução Myrna T. Rego Viana. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VASCONCELOS, P. A. **Salvador: transformações e permanências (1549-1999)**. Ilhéus: Editus. 2002.

WASELFISZ, Júlio (coord.). **Mapa da violência dos Municípios Brasileiros**. Disponível em: <<http://www.observatorioseguranca.org/>>. Acesso em 22.04.2007.



 **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO**
Mestrado e Doutorado

 **LTECS**
Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais

SISTEMA DE INOVAÇÃO SÓCIO-TERRITORIAL DA UNIFACS

LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIAS SOCIAIS - LTECS:

Cooperação Universidade x Comunidade para o desenvolvimento regional urbano e local sustentável

Prof. Dr. Alcides dos Santos Caldas

E-mail: alcaldas@unifacs.br

Tel: 3273-8528

Salvador, abril de 2008